



## **A organização da feira agroecológica comunitária em Igarassu/PE (FAC): transição do território para a soberania alimentar**

*The organization of the community agroecological market in Igarassu/PE (FAC):  
transition of the territory to food sovereignty*

SOUSA, Vitor Matias; PEREIRA, Mônica Cox de Britto<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutorando do PPGEQ, NEPPAG Ayni, Universidade Federal de Pernambuco, vitor.matias@ufpe.br;

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> da Universidade Federal de Pernambuco, NEPPAG Ayni, monicacoxbp@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar**

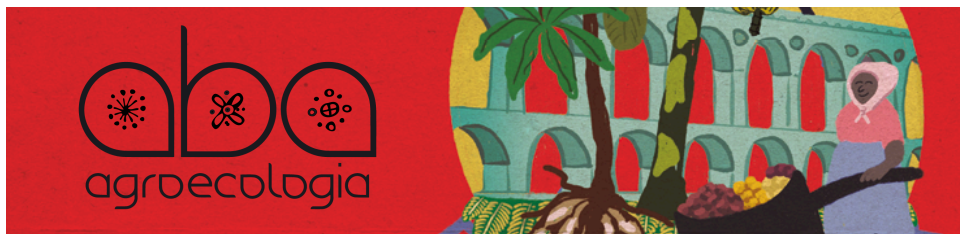
**Resumo:** Este escrito se preocupa sobre a importância do envolvimento da agroecologia com os territórios comunitários rurais, no qual temos como objetivo analisar de que forma a instalação da Feira Agroecológica Comunitária (FAC), no município de Igarassu/Pernambuco, contribui para o processo da 'transição agroecológica' dos territórios comunitários. Partimos do método de pesquisa-escrita participativa enquanto um dos sujeitos membros da feira agroecológica comunitária (FAC), trabalhando o conceito de soberania alimentar por ser um dos nossos propósitos enquanto "espaço agroecológico". Para nós, a retomada da feira agroecológica deu continuidade ao processo de transição do nosso território, aglutinando os membros da comunidade na luta em escala municipal por uma alimentação mais saudável e a produção de alimentos em coexistência com a natureza.

**Palavras-chave:** transição agroecológica ; comunidades rurais; agroecologia.

#### **Introdução**

Este trabalho tem como intuito analisar de que forma a instalação de Feira Agroecológica Comunitária (FAC), no município de Igarassu/Pernambuco, contribui para o processo da 'transição agroecológica' nos territórios das comunidades da zona rural, das quais alguns produtores da região vêm participando desse movimento pela consolidação institucional da Agroecologia e para a criação de mais espaços agroecológicos. O nosso território é constituído pelas comunidades rurais de Engenho Novo, Pirajuí e Cuieiras, que antigamente faziam parte de uma grande fazenda de engenhos de farinha, onde grande parte das famílias que hoje habitam são posseiras que nela trabalhavam.

O elo inicial de criação do espaço agroecológico da feira aconteceu na comunidade numa ocasião em que o grupo de mulheres da associação rural da comunidade promoveu uma série de oficinas em parceria com o Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), ONG que trabalha com a formação de técnicos em Agroecologia. Essas oficinas envolveram ações que relacionavam as práticas da agroecologia na produção e beneficiamento de alimentos a partir da biomassa produzida nos próprios sítios, além do aprendizado de outras tecnologias sociais.



Foram nesses encontros com os parceiros em movimento que o espaço agroecológico da feira comunitária nasce no ano de 2019, devido ao desejo de criarmos outra rede de economia alternativa ao mercado convencional.

Nosso desafio nesta pesquisa é perceber quais as potencialidades de transformação no processo de transição agroecológica dos territórios comunitários de Engenho Novo, Pirajuí e Cuieiras ao verificarmos como a instalação da feira vem criando novos laços de relacionamentos territoriais comunitários em torno do envolvimento dos sujeitos no movimento da agroecologia que conduz esse processo pela transição alimentar.

## **Metodologia**

Partimos do método de pesquisa-escrita participativa, que incorpora a experiência vivenciada pelo autor no contexto do objeto da pesquisa, enquanto um dos sujeitos membros da feira agroecológica comunitária (FAC). Trazemos o conceito de soberania alimentar que é um dos princípios de formação da feira em nosso território, enquanto “espaço agroecológico” e que temos como pretensão defender a bandeira desse conceito. Braz (2019) pesquisou o pioneirismo das feiras a partir do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá em Pernambuco. Já sobre o conceito de soberania alimentar, segundo a cartilha formativa da SOF (Sempreviva Organização Feminista) diz que:

Ao defender a autonomia local, a soberania alimentar contribui também com propostas de novas formas de circulação e de distribuição de alimentos por meio de circuitos que aproximem produtores e consumidores, diminuindo assim as intermediações entre estes e reforçando suas alianças. Além disso, chama atenção para a importância de se consumir produtos da estação ou que sejam cultivados e criados em localidades próximas e em harmonia com o meio ambiente. (SOF, 2014, P. 31).

Para analisarmos os efeitos que o espaço da feira possui para o processo de transição agroecológica, faremos essa discussão sob olhar epistêmico dos conceitos de ‘Soberania Alimentar e o conceito de ‘Agroecologia’ para verificar os processos em torno do movimento e as ações da feira se encontram, e se as práticas confluem ou não com os preceitos da Agroecologia.

É nesse sentido que baseamos nossa análise na “Transição Agroecológica”, que no estudo de Gliessman (2000) de forma geral, “considera-se que a transição agroecológica buscará atingir “níveis de sustentabilidade” mais profundos do que os do ponto de partida, procurando, progressivamente, aproximar-se de uma definição ideal de agricultura sustentável.” Para Siliprandi (2015), a autora pontua três estágios ou níveis de “sustentabilidade” a serem atingidos para que um modelo de agricultura possa ser considerado agroecológico, “que vão desde a melhoria da eficiência no uso das tecnologias tradicionais, passando pela substituição de práticas e insumos, até chegar ao redesenho dos agroecossistemas em uma



perspectiva complexa, de equilíbrio com os processos ecológicos.” (Siliprandi, 2015, p.90).

## Resultados e Discussão

A trajetória para a formação do espaço agroecológico da feira comunitária de Igarassu não tem sido uma tarefa fácil, por se tratar de uma bandeira política ainda não muito difundida fora dos grandes centros urbanos. A proposta do lema “*comer é um ato político*” não está na pauta política do município, talvez por Igarassu se tratar de um território predominantemente rural e não sofrer com a escassez de produtores de alimentos, comparado à metrópole do Recife, onde se encontram a maioria das feiras agroecológicas do estado.

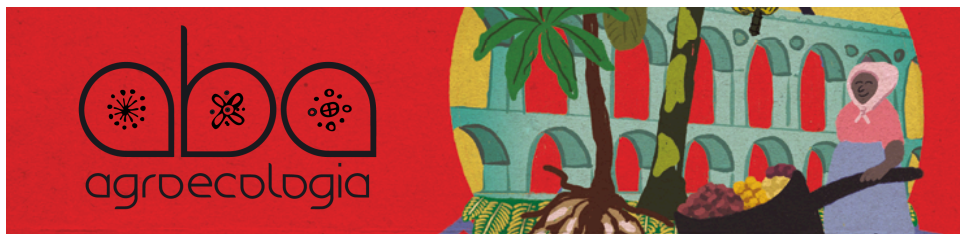
Igarassu tradicionalmente já possui duas feiras livres localizadas em diferentes distritos, onde a demanda de alimentos é abastecida por agricultores da região ou por atravessadores que também escoam produtos do Centro de Abastecimento e Logística (CEASA), não se caracterizando como produtos de origem agroecológica ou orgânicos.

Apesar da dificuldade da nossa feira em atingirmos o êxito econômico que é angariar fundos para reapropriação do terreno da casa de farinha e sede, persistimos em manter nosso projeto de criar o espaço agroecológico, pensando a pauta da soberania alimentar, que tenta encurtar os circuitos da alimentação, para que a produção de alimentos atenda a demanda local.

Outra dificuldade se refere a inconstância na localização da feira, pois a mesma teve que mudar de lugar duas vezes, principalmente após o surgimento da Covid-19. Após o fim do isolamento social, resolvemos nos estabelecer dentro da nossa própria comunidade na zona rural, que apesar de não ser um grande centro de consumo dos produtos agroecológicos, acabou nos aproximando das pessoas da comunidade e criando/recriando vínculos sociais novos e antigos, fortalecendo nossos sentimentos de pertencimento ao território.

A organização da feira segue o modelo do trabalho em mutirões, um fator que também faz parte do fortalecimento do vínculo territorial dos indivíduos feirantes com a comunidade, por fomentar um sentido de comunhão. Os mutirões são realizados com a cooperação dos envolvidos na organização da feira, das oficinas e nos ‘roçados’. A escolha do local do mutirão nos roçados e oficinas é de maneira rotacional, ou seja, circulando as atividades em todos os sítios dos feirantes, onde ao mesmo tempo, usamos esse momento como ‘sistema de garantia participativo’ característico a agroecologia na certificação da produção orgânica.

É nesse processo circular, da “ciranda agroecológica”, que o processo de transição agroecológica acontece. A troca dos saberes com os mais experientes, que detêm o saber fazer da agricultura, do trabalho com a terra e com os alimentos, são



partilhados contribuindo, uns com os outros, no melhoramento da produção mutuamente.



Figura 1: assembleia de retomada da feira na casa de farinha. 2021

A retomada da feira agroecológica deu continuidade ao processo de transição do nosso território, animando a comunidade para o envolvimento com projetos antigos que já haviam sido esquecidos. Um desses projetos é a reativação da casa de farinha da família de Dona Cosma, uma das feirantes que integram nosso grupo, onde desejamos que esse lugar se torne a sede da nossa associação.

Além do fortalecimento do aspecto socioeconômico da casa de farinha, temos a intenção de resgatar os grupos de samba de coco, enquanto dimensão cultural das comunidades, que há muito tempo vive um processo de apagamento de suas tradições. Neste processo, restam como guardiões, alguns poucos mestres que são verdadeiros “baús de tesouro” da memória cultural da nossa região, mantendo a tradição dos quilombos que habitam esse território.

Ou seja, o movimento de transição agroecológica para os territórios do município de Igarassu está alimentando as raízes culturais da nossa ancestralidade, além das raízes da natureza das nossas matas, ao mesmo tempo, em que essas práticas retroalimentam as fontes com as águas, os solos com seu húmus que por fim, irá retroalimentar esse ciclo agro(ecológico) e quando dermos conta, retomaremos o ciclo natural da terra.

## Conclusão

A possibilidade da transição agroecológica desse território é latente enquanto potência na perspectiva agroecológica e da cultura camponesa, pois o território de Igarassu possui essa ancestralidade dentro do seu gene de formação. É por esse caminho que a feira agroecológica comunitária traça sua trajetória. Ainda, o desafio é grande e será necessária a aglutinação e a confluência entre parceiros, tanto de fora, quanto de sujeitos das comunidades, nesse movimento.



Entre os propósitos da feira que confluem com a agroecologia, apontando para os nossos potenciais caminhos para uma transição agroecológica estão:

- Promoção política de uma alimentação saudável que incentive a produção agroecológica para a regeneração da natureza
- Diminuição da dependência alimentar dos oligopólios alimentares
- A organização de mutirões para o fortalecimento comunitário
- Uma alternativa econômica mais justa da perspectiva de camponeses e consumidores.
- Resgate da cultura tradicional e dos saberes ancestrais no território

Nesse movimento de transição agroecológica, sentimos que mais importante do que o dinheiro da venda dos produtos, é a troca de saberes/sabores, da partilha e da criação do vínculo de pertencer a uma comunidade que se movimenta em prol de uma luta que é pela natureza, através da agroecologia.

### **Referências bibliográficas**

BRAZ, Marcones; PEREIRA, Mônica Cox de Britto. **Espaço agroecológico e comercialização: experiências pioneiras no estado de Pernambuco.** Campo-território: revista de geografia agrária, v.14, n. 33, p. 257-268, ago., 2019.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

NOBRE, Miriam. Miguel, Maysa. Moreno, Renata. Freitas, Taís. **Economia Feminista e Soberania Alimentar: Avanços e Desafios.** SOF. 2014.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2015.